

VOGGA

: SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER :

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



LYA TORÁ, LINDÍSSIMA SENHORA BRASILEIRA QUE A FOX-FILM ESCOLHEU PARA SUA ESTRÊLA (Foto de «O Malho»)
ENTRE 10.000 BELEZAS SUL-AMERICANAS
EXIGIR COM ESTE NÚMERO A FOLHA DE BORDADOS

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid

O CINEMA RELIGIOSO

Por ocasião do recente triunfo, na América, do formidável filme sacro *O Rei dos Reis*, nova versão da Vida de Jesus, executada por Cecil B. de Mille, o grande cinegrafista, foi oficialmente convidado a fazer conferências, ante o público universitário, sobre a execução do seu grande monumento cinematográfico. Vejamos como falou o genial artista:

«No momento em que toda a gente levava para o cinema os mais guincholescos melodramas, quando o público em delírio aplaudia os mais tetricos argumentos, tive a intuição de que o mundo tinha amadurecido o suficiente para a *Vida de Cristo*. Pois bem; pormenor curioso: quando eu expus a ideia, quasi tive que encomendar balões de oxigénio para os titulares dos serviços comerciais e financeiros!...

Mas, depois, perante a minha obstinação, cederam. Sucessivamente me ofereceram verbas, sempre em aumento, a partir de 150.000 dollars. Aceitei quando chegavam à soma precisa, que foi a soma dispendida à justa, ou sejam 2.300.000 dollars.

Depois, comecei a tarefa de realização. Arquitetados os alicerces da obra, o seu plano geral, o argumentista, de acordo comigo, estabeleceu o edificio cinegráfico, scena por scena. Interveio depois o director-decorador, o homem que executa os scenários. Uma das scenas de mais complicada realização foi, sem dúvida, aquela em que se dá uma visão do poder temporal, a scena em que Satanaz mostra a Jesus todos os bens que pode possuir. Nesta scena substituímos o Templo de Jerusalem por uma visão de Roma, e como se tratava de uma scena de imaginação, mostrei Roma magnificada, ou por outra, cem Romas umas sobre as outras, num alarde de grandeza e opulência ofuscantes. Pensei imediatamente que o assunto era suficientemente grande e magnífico para dispensar as «estrêlas», que dão viabilidade aos argumentos vulgares, de todos os dias. Então escolheu-se Maria, a mãe de Jesus, a grandiosa figura do Filho do Senhor, a corteza de Magdala, Simão Cireneu, o Iscariote, mas não se escolheram simplesmente pessoas que pudessem historicamente interpretar tais papeis, mas sim pessoas que estivessem, psicologicamente, dentro do possível, de acordo com a personagem, e tivessem, além disso, um físico que se adaptasse à versão pictórica que os mais excelsos artistas deram dessas figuras imorredoras. Restava a tarefa maior; animar, quadro por quadro, scena por scena, incidente por incidente, olhar por olhar, a magnífica visão, a doce e suave tragédia que vai do Presépio ao mistério da Ressurreição do Senhor. Para isso bastou que nunca se me varresse da memória a ideia de que o realizador é comparável ao regente da orquestra; é ele que empunha a batuta. Se houver «fifias», se houver desafinação, se as «partes» não «entrarem» a tempo, é tudo apenas por culpa do chefe de orquestra. Ora eu, felizmente, durante a minha realização de *O Rei dos Reis*, nunca larguei a batuta, a direcção suprema e directa.»

Assim, com esta firmeza e esta concisão, falou o homem que executou a mais bela obra da cinegrafia, o homem que, se isso fosse possível a um homem, estaria à altura do assunto formidável que tratou magistralmente.

Como é por demais sabido, a *Vida de Jesus* tem tentado os cinegrafistas de todo o mundo, nesta era do cinema, tal como na idade de ouro do teatro tentou todos os grandes actores e dramaturgos, tal como havia tentado já os maiores pintores de todas as épocas. Arte tipicamente compósita, o cinema estava fadado para a realização integral do grande poema cristão, que é ainda e será a mais alta expressão de bondade, amor e pureza, de virtude e beleza, que a alma humana pode apreender.

As primeiras versões enfermavam da pobreza dos meios técnicos da época. As versões posteriores, *Cristus* e *I. N. R. I.*, a primeira italiana e a segunda alemã, mostraram já preocupações artísticas, ambientes cuidados.

O público, porém, encontrava infidelidades à tradição oral do Antigo e Novo Testamento, e, portanto, insuficiência na representação do mistério sacro, tal como o encaram os crentes. A obra genial de Cecil B. de Mille, cuja grandeza e verdade se pode avaliar facilmente pelas scenas que serão reproduzidas no número de Natal de *Ilustração*, satisfaz nos crentes a ansia de ver plasmados os mistérios pios da sua religião.

Rei dos Reis, no consenso unânime da critica religiosa ou laica, marca o ponto mais elevado da cinegrafia mundial.

PORCELANA DE LIMOGES

Lindos serviços de jantar, sobremesa, chá e café em exposição na agência dos fabricantes

RUA DO LORETO, 34, 2.º

DO LAR

TRES LINDOS INTERIORES

A beleza, o encanto do ménage não são apenas o das casas ricas, de suntuosas mobílias e gigantescos espelhos bisantés. Os arranjos graciosos e modestos com cretones e mobílias sem aparatoso custo, podem

uma mistura de cores que nos deve encantar pelo ineditismo e bizarria.

Ladeando o divan, duas pequenas estantes cheias de livros os quais devem ser mais um recreio para distrair do que obras profundas,



UMA CASA DE JANTAR LINDISSIMA E CONFORTAVEL QUE SERVE DE CASA DE ESTAR... E FICAR

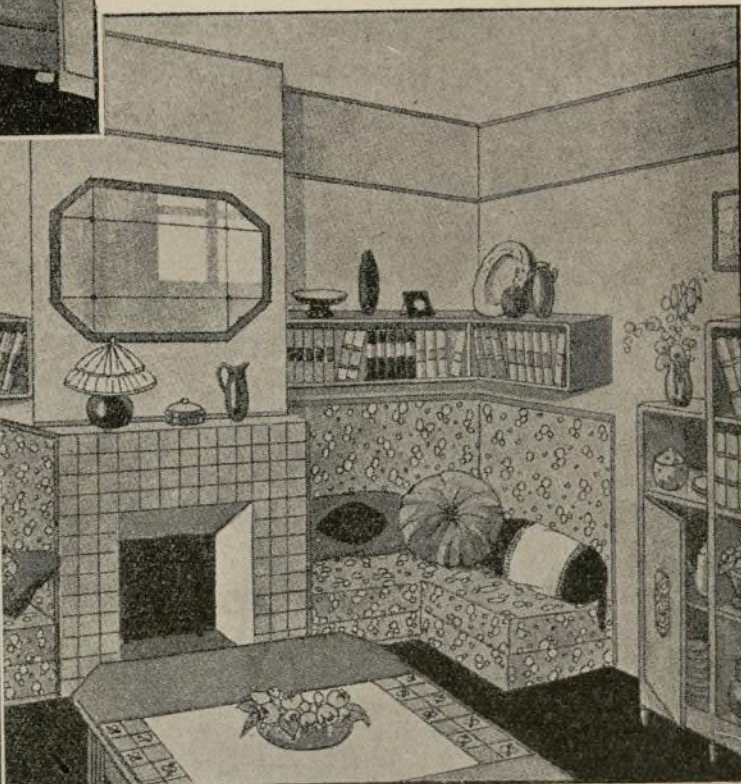
também ter um aspecto acolhedor e aprazível que nos atráia.

Não julgue a mulher que muitas vezes lhe bastam os seus adornos e beleza para reter o marido. E também necessário que se lembre de que a decoração do lar desempenha um dos papéis mais importantes para prender o homem, eternamente aborrecido de estar em casa, e que é preciso seduzir, encantar com um ménage cheio de beleza, um ménage que seja leve e graciosos, cheio de arranjos elegantes e de confortável bom gosto.

COMO COM POU- CO DINHEIRO SE OBTEM UM INTERIOR MAGNIFICO



SIMPLES, ECONOMICO E ELEGANTE ESTE INTERIOR DÁ VONTADE DE NUNCA MAIS DE LÁ SAIR



nós o empenho de harmonizar e renovar os nossos appartements. Eles dão alegria, animação e... não esquecer a almejada companhia afável sempre tão ansiosamente desejada dos maridos.

GUIDA.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDENCIA

A leitora já viu no ultimo MAGAZINE BERTRAND a maneira de aprender a desenhar por um processo prático sem sair de sua casa? Secção especial feminina dedicada às leitoras e assinantes da VOGA.

TAPETES DE BEIRIS SÃO OS PREFERIDOS PELAS PESSOAS DE BOM GOSTO — DEPOSITO — RUA IVENS, 30

Ayuntamiento de Madrid



AS MODAS EM VOGA

OS NOVOS
MODELOS DO
NOSSO SEMA-
NÁRIO :

VESTIDOS DE
BAILE, LUVAS,
PLUMAS E PER-
FUMES :

que a elegância tem absolutos requintes de fantasia, uma necessidade.

Os «sweaters» de lã e as saías de pregas ou nervuras, os fatos «tailleur» lisos, e saías travadas, são também uma graciosa variante.

A *Voga* aproveitando, pois, a linha moderna, inicia hoje a publicação dum modelo desenhado expressamente para ela.

Em veludo negro, este curioso modelo tem

ranja, podendo empregar-se dois tons, dão a este modelo um encanto novo e original.

As fazendas e veludos «imprimés» teem este inverno a sua grande e dominadora estação. São elas excelentes factores para uma moda variada e linda.

As quatro amostras de tecidos e quatro modelos já executados mostram-nos bem que lindos vestidos se fazem com as fazendas lavradas,



É a primeira vez que, em Portugal, um jornal feminino de modas, encarrega um artista de desenhar, especialmente e originalmente, um modelo. A *Voga* tem hoje a honra de lhe apresentar um modelo junto «signé *Voga*».

Todos os números o faremos, de hoje em diante.

Este inverno quebrou-se a monotonia das pregas e franzidos que, com grande pesar das nossas elegantes, tinham estacionado. Para os vestidos de passeio e baile, criaram-se modelos de uma grande fantasia e novidade. As saías largas, em «godets» ou «drapées», são um novo aspecto da moda e da elegância. Uma moda continuada é uma moda sem interesse e sem atractivos. O novo, o inédito, são nos nossos dias,

PERFUMES

Os perfumes são a alma das coisas, são a alma da própria mulher — uma alma feminina, requintada mas dissimulada, que se esconde, voluntariamente, na mesma marca de perfume, tornando-se multidão, para passar despercebida, para não ser adivinhada.

Preguntem a uma mulher porque gosta dum perfume: responderá com evasivas, deculpar-



-se-há com as palavras, com esses sinais imperfeitos, como lhes chamou D'Annunzio, considerando-as insuficientes para exprimirem essa sua predilecção.

De facto, as mulheres teem razão quando alegam não saber exprimir, por palavras, a razão da sua predilecção pelo perfume, companheiro de toda a sua vida, de todas as alegrias e pesares, companheiro umas vezes, adoravelmente discreto, outras, terrivelmente comprometedor.

Os perfumes estão acima da razão, ou fora dela. Proclama-se vulgarmente «dize-me com quem andas, dir-te-hei quem és», mas não se pode afirmar «dize-me que perfume usas dir-te-hei quem és». E, contudo, essa razão, ignorada embora, deve existir. O perfume que dimana duma mulher — não fala alto, não exprime com uma simplicidade eloquente, as preferências, os gostos, o carácter duma mulher?

É talvez o único mistério humano directamente relacionado com a pituitária.



uma linha distinta e moderna. Dois largos «godets» na saía, dão-lhe amplitude e graça, sem lhe roubar a harmonia da silhueta esguia. Uma linda aplicação de fantasia prende os «godets» ao cinto. Triângulos bordados a ouro e la-

São simples e elegantes. Sejam enfeitados a pedras ou tecidos lisos, são sempre dum efeito luxuoso e garrido.

Um dos encantos maiores nas «toilettes» de baile são as «parures» para a cabeça. Uns sim-



ples fios de pérolas completam o «charme» de uma elegante «toilette» de «soirée».

Um ornamento de plumas e fitas, formando um caprichoso emplumado, é tão requintadamente lindo, tão sedutor e arrebatante, que não quisemos deixar de publicar este modelo para as leitoras que, desejando sempre novidades, e caprichando em apresentar-se com as mais lindas variações, teem neste modelo uma criação cheia de finura e leveza... mas de preço um tanto pesado.

Trata-se, é claro, dum enfeite de grande «soirée».

Modas em *Voga*... é isto sempre o que toda a mulher moderna deseja saber. O nosso semanário não esquece nunca a sua missão — as nossas leitoras estão permanentemente em contacto com a grande moda internacional, mas a moda prática e útil com modelos que todos possam utilizar.

MADemoiselle X.

LUVAS

Calçar luvas...

O inverno friorento traz-nos a senhoril graça das luvas.

Na elegância há requintes que são arte; a elegância tem mesmo o seu estilo.

Há pequenos pormenores fúteis, pequenos cambiantes que se completam, dando em conjunto o verdadeiro «smarts».



Aqui temos por exemplo as luvas, o escrínio aveludado das mãos. Chegou o inverno e os lindos dedinhos, esguios como fusos, das nossas leitoras, teem frio.

A luva marca o acessório indispensável da elegância, é também uma comodidade, uma desculpa, uma atitude.

Calçar uma luva não tem nada, um pequeno gesto apenas. Mas calçar luvas sem esforço, naturalmente, sem artifício, é um segredo dificilmente atingível. Há gestos que teem o mistério dos bailados.

Vêde a maneira esbelta, senhoril, mas espontânea, como é calçada a luva branca da elegância da nossa gravura. Que fina «souplesse», que «linha», que gracioso encanto, o desse gesto de requinte.

É uma atitude esbelta, tão perfeita como a duma estátua grega, e se na Grécia tivesse havido luvas, dir-se-ia que era esta a verdadeira, a única e definitiva posição dos ignotos braços da Venus de Milo...

NO LAGO DOS CISNES

CONTO INÉDITO DE VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

ILUSTRAÇÕES DE VASCO LOPES DE MENDONÇA



O jardim tinha acordado com um ar de festa nessa manhã.

As flores brilhavam ainda húmidas do orvalho da noite, e no lago a água transparente refletia as esguias tulipas encarnadas que, muito hirtas, davam ideia de soldadinhos perfilados de guarda ao palácio do seu rei.

A passarada, tão alegre, saltitando de ramo em ramo, parecia dizer em seu canto estridente:

«Ric-Ric-Ric-Ric.
Cuic-Cuic-Cuic-Cuic.
Nós somos os passarinhos
Que vimos anunciar
Ao lago e mais aos peixinhos
Esta nova de pasmar.

As tuas águas ó lago
Desertas há tantos dias,
Vão sentir o brando afago
D'asas de penas macias.

Porque muito breve
Hão de ser sulcadas
Por Bico de Neve
Com suas ninhadas.

E vós, ó Peixes ladinos
Toca a correr, a saltar...
Tereis cisnes pequeninos
Para convosco brincar.

Ric-Cuic-Cuic-Ric.
Nunca se viu festa assim
Cuic-Cuic-Cuic-Cuic
Cá no lago do jardim.

Indiferentes, as Borboletas continuavam visitando as flores, pousando aqui e acolá, o que fez com que uma Rosa branca sacudisse a cabeça indignada e com ar de reprovação sussurrasse para uma companheira:

«Lá andam aquelas louquinhas a voar à toa!
Chega a ser falta de educação nunca pararem quietas!»



Piloto — o cãozinho que tinha nascido há meses e era o benjamim dos meninos da casa — chegou-se também à borda do lago muito curioso, com as orelhas arrebitadas, farejando novidade.

O cisne velho, que já andava nadando, veio ter com ele, e disse-lhe:

«Desconfio, por uns zuns-zuns que ouvi ao jardineiro, que vão soltar esta manhã os meus companheiros cisnes que estavam no chôco».

Lembro-me muito bem do Cisne Preto, o Bico de Lacre.

Bra meu amigo, e achava-me tanta graça quando eu era pequenino, e mal sabia andar!»
«O meu preferido é Bola de Neve. Gosto mais dos cisnes da minha cor. Nem sei como esta gente consente misturas de cisnes pretos com brancos no mesmo lago: Bico de Lacre parece até que suja a água!» — rematou desdenhoso, dando uma sacudidela ao pé direito.

Nisto ouviram uma grande algazarra.

Bram os dois cisnes que saíam das suas casinhas grasnando alegremente como a saudar o sol, a água e as plantas, que há tanto tempo não viam.

Seguindo Bola de Neve vinham quatro cisnes muito pequeninos, e Bico de Lacre trazia

consigo um cisnesinho cinzento-escuro que muito ternamente amimava, dando-lhe bicadinhas sobre a penugem macia.

A gritaria era tanta que os Peixinhos poze-ram as suas cabecinhas fóra de água, e ficaram de boca aberta a olhar os novos habitantes do lago.

A Isabelinha, que tinha acorrido apressada, batia as palmas para encorajar os cisnes pequeninos a deitarem-se à água.

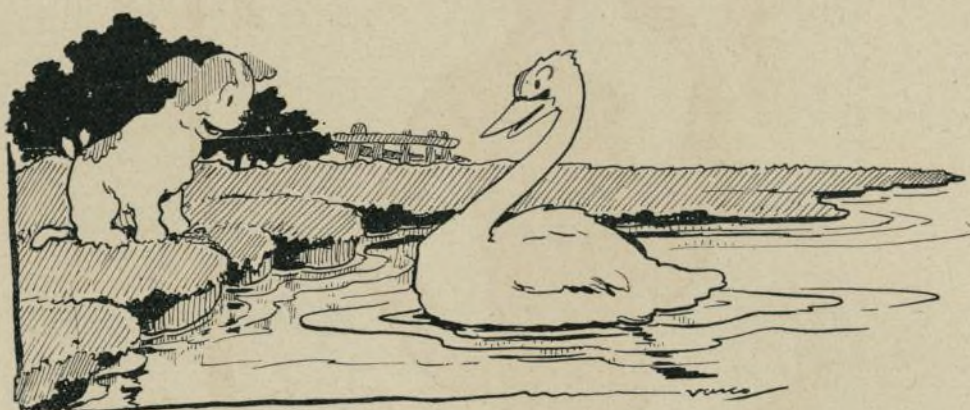
Os brancos seguiram logo a mãe que, com os filhos à roda de si, atravessou o lago nadando muito vaidosa.

O cisnesinho cinzento, mais tímido, não se atrevia a entrar na água, foi preciso que a Isabelinha deitasse para o lago migalhas de pão, para conseguir que ele saltasse.

Então lá se resolvem, e logo nadou tão direitinho e elegante como os cisnesinhos de Bola de Neve.

Nessa ocasião já se tinha juntado à beira do lago toda a família interessada com o espectáculo.

— O mais lindo de todos é o pequenino cinzento, e nada que nem um peixe!



Bico de Lacre bateu as asas em sinal de reconhecimento, e os Peixinhos ao ouvir a Isabelinha falar nêles, abriram ainda mais a boca de admiração.

Tudo o dia os meninos não largaram o lago, encantados com a novidade, e os cisnes andaram numa roda viva mostrando aos filhos as coisas lindas que os rodeavam, para eles ainda desconhecidas.

Várias vezes, Bola de Neve, enquanto os cisnesinhos brincavam junto d'ele, cochichou com o Cisne Velho. Olhavam de soslaio com ar mal-doso Bico de Lacre, que sempre cuidando no seu filho, não dava conta do que se passava, mas ao Piloto não escapou a manobra dos dois maraus, e quando apanhou Bico de Lacre a gente segredou-lhe no seu ladrar rouquenho:

— Toma conta com o colega Bola de Neve. Não é boa rez, e anda a tramar qualquer intriga contra ti e o teu filho.

— És muito desconfiado amigo Piloto! Porque há-de ele invejar-me se tem quatro meninos e eu só fiquei com um. — respondeu Bico de Lacre, piando tristemente.

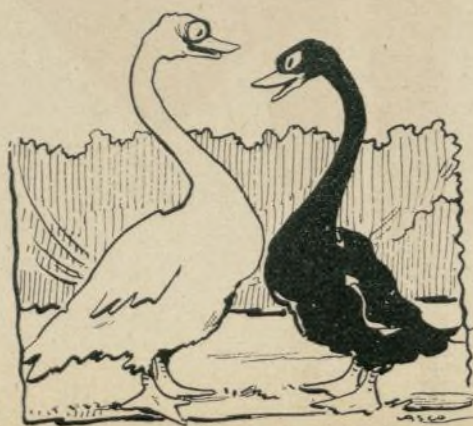
— Aconselho-te a que não tenhas essa boa fé! Não te fies! Tenho ouvido dizer aos meus donos que os Cisnes da tua raça são os mais raros, e é por isso que a Isabelinha tanta festa fez ao teu pequenino, e os outros Cisnes te invejam tanto! Por uns zuns-zuns que ouvi, querem acabar com a tua geração.

— Meu querido filho! Nunca mais saíras da minha vista! replicou o Cisne preto acariciando o seu menino com um.

Quando à tarde recolheram, Bola de Neve chegou-se ao Bico de Lacre, e propôs-lhe amavelmente:

— Tenho o maior gosto que o teu filho brinque com os meus. Coitado! deve sentir-se bem só, sem nenhum irmão! rematou a hipócrita com ar condoído.

— É verdade que fui muito infeliz com a minha ninhada — respondeu suspirando, Bico de Lacre. Logo no princípio do chôco esborachei um dos ovos, e os outros meus filhos morreram à nascença. Só este vingou, por isso lhe quero tanto, e não vejo outra cousa no mundo senão o meu rico menino!



— Mas deves tentar distraí-lo! Verás como a convivência com os meus filhos lhe fará bem! Picará mais alegre, mais animado! Patas!

tuas asas! tornou Bola de Neve.

Bico de Lacre respondeu então, já de pé atrás com tanta bondade:

— Ao meu filho basta-lhe a minha companhia para se sentir feliz.

Bola de Neve, agastada tornou:

— Talvez te enganes, e o teu menino aprecie mais a companhia dos meus, que a tua, minha carpideira, vestida de luto! E, antes de recolher, atirou com a porta da sua casinha no bico da outra.

O caso é que no dia seguinte Bola de Neve tantas manigancias fez, que o cisnesinho cinzento assim que viu a mãe entredida catando as penas, seguiu os outros até ao fim do lago, onde havia caniços e raízes de plantas que eles gostavam de depenicar.

Ainda Bico de Lacre não tinha dado pela sua falta, quando ouviu um marulho na água e as cabecinhas dos peixes dourados aparecerem dizendo:

— Bola de Neve que é má
Anda nadando acolá
E com Ela está teu filho,
Chama-o que venha p'ra aqui,
E guarda-o junto de ti
Que inda pode haver sarilho.

O peixe nem sempre é mudo,
Nada, nada, e sabe tudo.



Bico de Lacre enfufou-se toda, cheia de desespero.

Mas que podia Ela fazer contra Bola de Neve que assim tão traçoeiramente lhe ia roubando o seu filho, e quem sabe talvez para dar cabo d'ele?

Metia a cabeça dentro d'água e dava mergulhos nervosos.

Por fim safu do lago, e em pé sobre perna, ficou meditando na maneira de livrar o seu Cisnesinho das manhas de Bola de Neve.

O amigo Piloto que estava no jardim estendido ao sol, admirado de ver o cisne sem o filho, tirou-se dos seus cuidados, e saltou para perto d'ele ladrando-lhe:

— Porque estás tu assim tão triste? Que é feito do teu menino?

— Sabes lá como estou ralada! Tu é que adivinheste a maldade d'aquela atrevida!

E contou ao Piloto todas as suas inquietações.

O cão ouviu atento, dando de vez em quando ao rabinho em sinal de simpatia, e quando o cisne se calou poz a cabeça entre as patas e ficou pensativo.

Nisto viram aproximar-se Bola de Neve impondo de orgulho com a sua família de cinco cisnesinhos.

Bico de Lacre chamou logo o filho:

— Anda cá, vem para ao pé da tua mãe que te quer contar uma linda história.

Mas ele, muito alegre brincava com os companheiros dando cambalhotas na água, e nem sequer olhou para a pobre mãe que tão desgostosa estava.

— Eu não te dizia minha amiga, que o teu filho aborrecia a tua companhia, e está radiante por se ver livre das tuas pieguices! re-



torquiu-lhe de longe a antipática Bola de Neve. Então o Piloto indignado com tanta maldade, não teve mão em si e atirou-se à água, espalhando os cisnesinhos que fugiram espavoridos para baixo das asas de Bico de Lacre.

Nadou direito à Bola de Neve, ladrando furioso, sem prestar atenção à voz do dono, que se tinha aproximado do lago, chamando-o aflito.

Bola de Neve deu um assobio, tufou as penas de tal maneira que parecia ter o dobro do tamanho, e preparou-se para o ataque.

O combate então foi terrível! O cão saltou sobre o cisne, tentando fincar-lhe os dentes no pescoço, e o Cisne com o bico procurava agarrar-lhe as orelhas para o meter debaixo de água.

Apesar do Piloto ser valente era ainda pequeno sem força para resistir, e o cisne conseguiu o seu intento.

Por três vezes a cabeça do cão mergulhou, e o dono viu o caso tão mal parado, que decidiu meter-se num bote, e com um dos remos bateu no Cisne.

Só assim ele largou a sua presa, que foi logo recolhida para dentro do bote.

Muito zangado o dono dizia fazendo festas no lombo de Piloto:

— Maldito Cisne Branco que tanto mal te fez! Já que ele é assim tão zaragateiro será posto daqui para fora! Dessa maneira não de terminar os barulhos dentro do lago!

Foi o que aconteceu. O jardineiro teve ordem de levar Bola de Neve para uma herdade, onde só havia um tanque muito sujo.

Seria ali que daí em diante ele teria de viver, e para seu castigo ficou separado dos filhos.

Bico de Lacre tornou-se então a mãe adoptiva dos cisnesinhos brancos, ficando assim com

cinco lindos meninos de quem cuidava com extremoso carinho.

Nêste mundo ninguém deve ser como Bola de Neve que por dentro era um tição.

Preto, embora,
Antes ser preto por fóra
E ter branco o coração.



Minha Senhora...

Se o seu abafio necessita ser modificado, não esqueça a nossa casa

AU RENARD ARGENTÉ
Rua S. Nicolau, 13, 3.º

VESTIDOS PARA AS LEITORAS E DE MALHA PARA OS SEUS PEQUENITOS



da maneira como elas vão indicadas. Explicação da maneira da fazer e distribuir as lãs com as ultimas cores acima designadas :

N.º 1 : duas voltas em lã castanha (feitas 2 malhas a direito, duas ao contrário).

N.º 2 : quatro voltas em laranja com o mesmo ponto.

N.º 3 : repetição do n.º 1.

N.º 4 : mistura de lã castanha e laranja na disposição que as leitoras podem verificar no detalhe da malha.

N.º 5 : conjunto cinzento claro e bordeaux.

Pelo detalhe da malha as leitoras guiam-se com facilidade certamente mas tendo duvidas a Voga encarrega-se de enviar a amostra executada gratuitamente.

Como se vê é um trabalho simples que qualquer pessoa pode fazer.

É um desses desenhos de origem simples que vamos dar bordado em ponto de cruz sobre malha *tricot*.

Apresenta a nossa gravura um vestido inteiro e casaco. O vestido sem mangas para na primavera em dias frescos trazer a criança simultaneamente quente e à vontade e o casaco para quando o frio é mais intenso e a criança necessita abafar-se mais.

É extraordinariamente prático pois neste conjunto reúne-se um vestido para verão e inverno.

Os tons a empregar podem ser azul forte bordado a *beije*; laranja, bordado a preto; ou branco bordado a salmão, verde ou vermelho. Começa-se o vestido pelas costas, em baixo; faz-se uma barra com ponto de liga, barra que deve compreender onze voltas completas. A se-

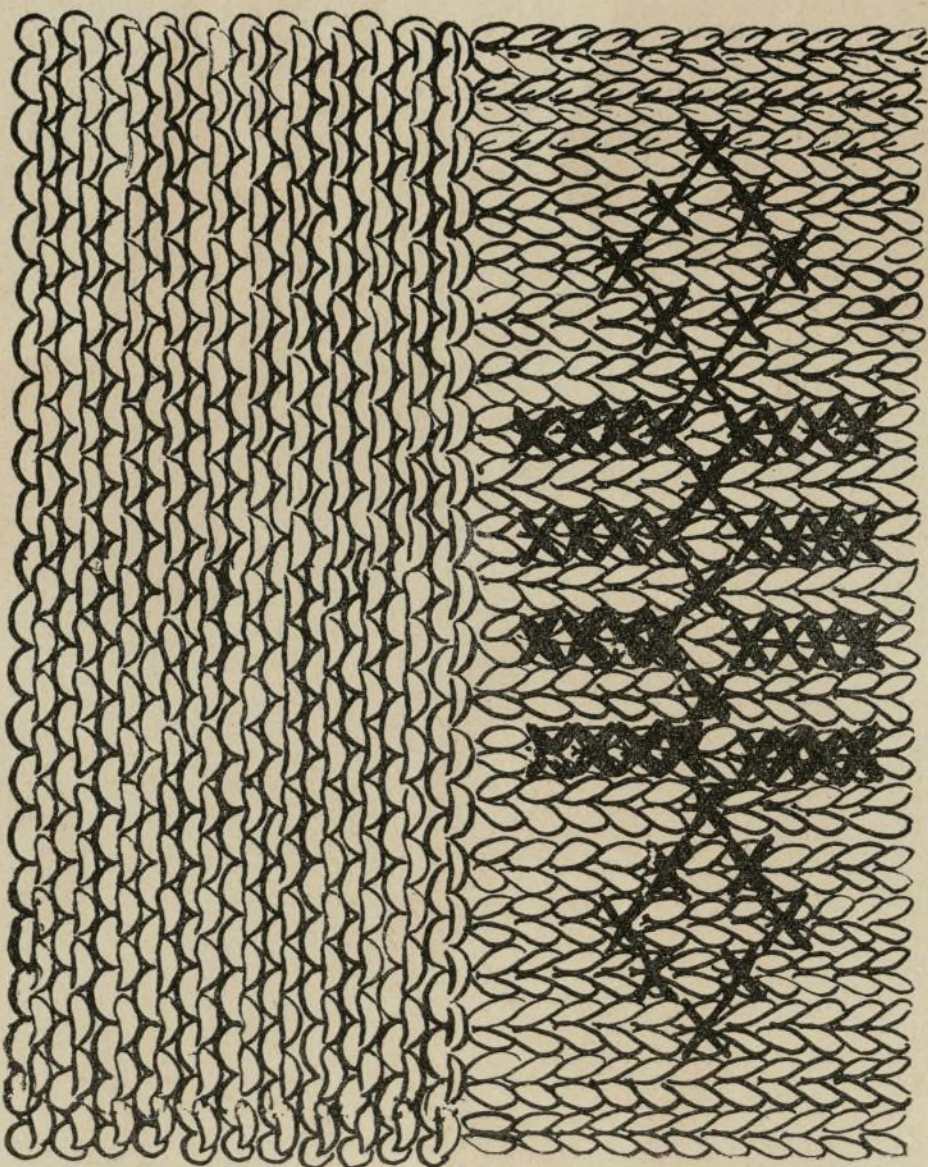
O casaco é feito com a mesma malha que a saia, e o *empiècement* do vestido. É todo feito duma só peça. Ao chegar à altura onde deve começar a manga acrescentam-se malhas de ambos os lados, fazendo-se tudo ligado.

A mesma franja rodeia o pequenino casaco completando-lhe a originalidade encantadora.



Com sêda vegetal, ou mesmo com lã, o que lhe tira um tanto a graça, bordam-se as barras feitas em *tricot*. Dá um aspecto luxuoso e fino a sêda brilhante e linda sôbre a malha de lã.

LILIANA.



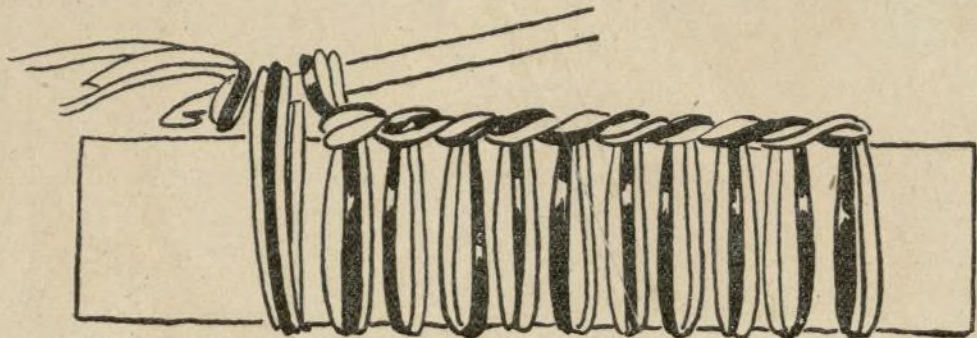
Com as cores bem combinadas as blusas ficam muito bonitas e elegantes tão elegantes que são o encanto dos maridos...

Entre as inumeráveis fantasias que se têm criado para crianças, são as malhas que maior número tem conseguido obter. Os maiores efeitos de conjunto e cores em tonalidades doces, os desenhos extraordinários de alegria, que tanto divertem as crianças quando reparam nos bonequinhos que lhe enfeitam os vestidinhos

guir uma barra que deve ter a mesma altura da primeira em *tricot*, a qual depois é bordada como indica a nossa gravura.

Faz-se assim em barras toda a saia. Ao começar-se o corpo simplesmente em malha *tricot*, todo liso, dão-se alguns mates para este ficar um pouco mais estreito, ficando a saia com a roda suficiente para dar ao vestido graça e leveza.

Num pequeno *empiècement* repetem-se os desenhos decorativos da saia. Ao começar a parte

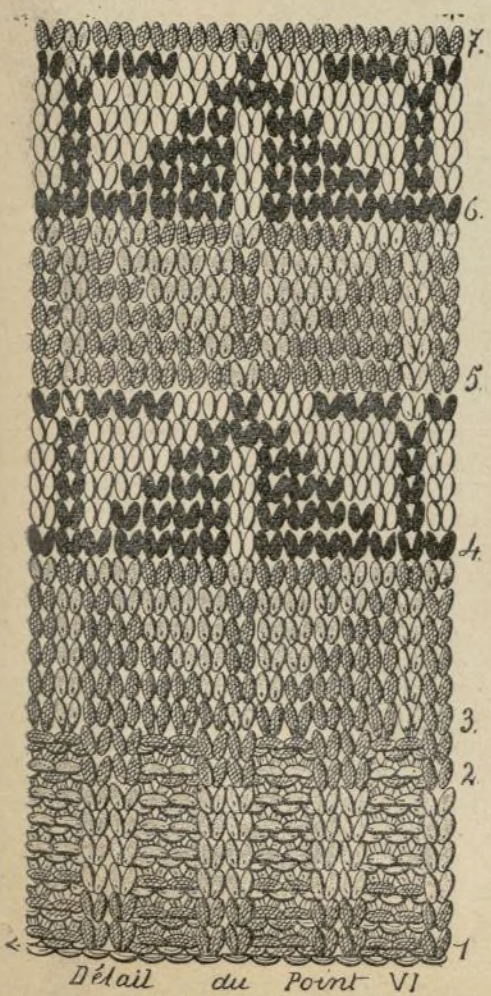


encontraram nas malhas um campo vasto e próprio.

Além dos bonecos, o que está muito visto em malhas ou fazendas de algodão para vestidinhos de praia, também há desenhos de graça insinuante que em conjunto tornam o vestido um amorsinho.

da frente faz-se uma pequena abertura para a criança poder despir e vestir com facilidade sem lhe tolher os movimentos.

Uma pequenina franja em volta do decote e da manga, que conforme a vontade das leitoras, podem ser executadas compridas ou curtas, como mostra a gravura.



Détail du Point VI





Vestido de Gormai
ne Leconte em seda
beige e marinho
Foto M. Taves



Vestido de noite em lã
prateado bordado em
seda sobre veludo de cor
coral Foto H. Manuel



Vestido de noite em
seda e perle
Foto H. Manuel



Vestido de tarde
em organdilho
com aplicação de
seda e perle
Foto H. Manuel



Chapéu de Lora
Marion com finas
las prateadas
Foto M. Taves



Chapéu Lora Marion em veludo preto
com uma grossa cadeia em lã
prateada Foto M. Taves



Vestido de Bevuad em veludo um
prime Foto M. Taves



Vestido em
crepe georgette
verde e pa
lido borda
do a perolas
Foto M. Taves

Vestido de Ge
maine Leconte
em crepe ro
main beige
guarnecido de
crepe beige
Foto M. Taves

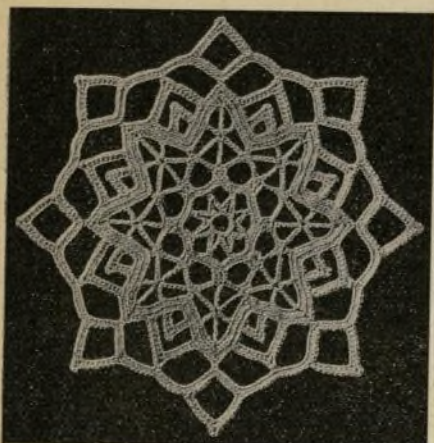


Um curioso modelo
em que o veu completa
uma manifestação elegante
Foto M. Taves



Chapéu em veludo e seda
com aplicação de strass
Foto M. Taves

Vestido em char
melaine de seda
MODELO NACIONAL
As casas de Lisboa estão a trabalhar em apresentar mode
los originaes que se impoem pelo seu gosto e elegancia
CREAÇÃO DA CASA AFRICANA Rua Augusta



BORDADOS E RENDAS

A SUA ETERNA BELEZA

As rendas são em todos os tempos os trabalhos femininos que mais agradam.

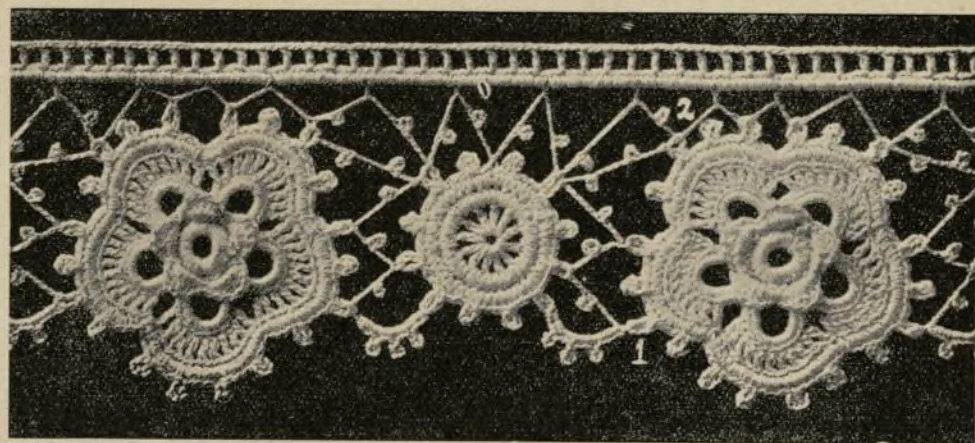
Fazer rendas lindas e difíceis, parecendo mesmo impossíveis de executar às mais inexperientes, é o desejo íntimo, grande e absoluto, de todas as senhoras que amam as rendas.

As rendas de «crochet» tão antigas, que os dedos engelhados das avós ainda gostam de as executar, continuam nos nossos dias evoluindo de tal maneira, que chegam a parecer obras de arte que só privilegiadas mãos as conseguiriam executar.

Mas com boa vontade, atenção e paciência conseguireis tornar realidade o que vos pode parecer difícil.

«Guipure d'Irlanda» é a renda que hoje damos e que tão linda e original é. Mãos à obra, leitoras, para conseguir a interessante renda que vos ornamentará *napperons* e todas as peças que desejeis absolutamente executadas por vós.

Começa-se a renda pelas rosetas do meio. Depois de prontas faz-se a rede e os *picots*, rodeando primeiro toda a roseta maior e ligando-a à mais pequena. Ao chegar à parte inferior da



No número 2 continua-se a fazer a rede em cima da rede, enche-se esse cordão com meio ponto, e depois faz-se o aberto.

Várias rosetas muito curiosas e de fácil reali-

BORDAR, bordar... A pequenina agulha, delgada e ágil, vai espetando, vai passando e repassando, e nas nossas mãos surge por encanto uma obra de arte. Bordar é fazer arte. A agulha na mão duma bordadora hábil é como um pincel na mão dum pintor.

Não devemos ligar ao bordado um ambiente de inútil fatuidade. Ele serve para embelezar o que nos rodeia.

São hoje procurados, talvez com mais anseio, os bordados fantasistas feitos em cores, com desenhos caprichosos, cores bizarras ou tonalidades doces, que às toalhas, guardanapos e «napperons» emprestam tanta alegria e brilho.

Todos os povos bordam. Desde que se inventou a agulha surgiu o bordado. Há-os de todas as espécies, de todas as maneiras e em todos os tons.

Os árabes bordam tudo, até o cabedal com que fazem carteiras, tabaqueiras e mil e uma utilidades.

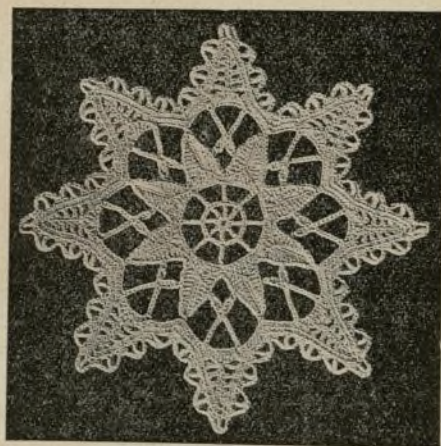
No Oriente o bordado atinge uma prolixidade

Depois há mil espécies de trabalhos práticos.

A aplicação de renda milanesa que damos hoje na nossa folha de bordados é, além duma fácil execução, dum efeito muito interessante.

Rodeada de bordado inglês ou *Richelieu*, pode-se empregar em *naperons*, toalhas, almofadas e *chemins de table* dando-lhes um aspecto leve e gracioso. Com este motivo podem as leitoras dar à sua casa um encanto subtil e agradável.

A renda em *filet* que serve para enfeitar um *store*, «dessus» de piano etc. tem uma com-



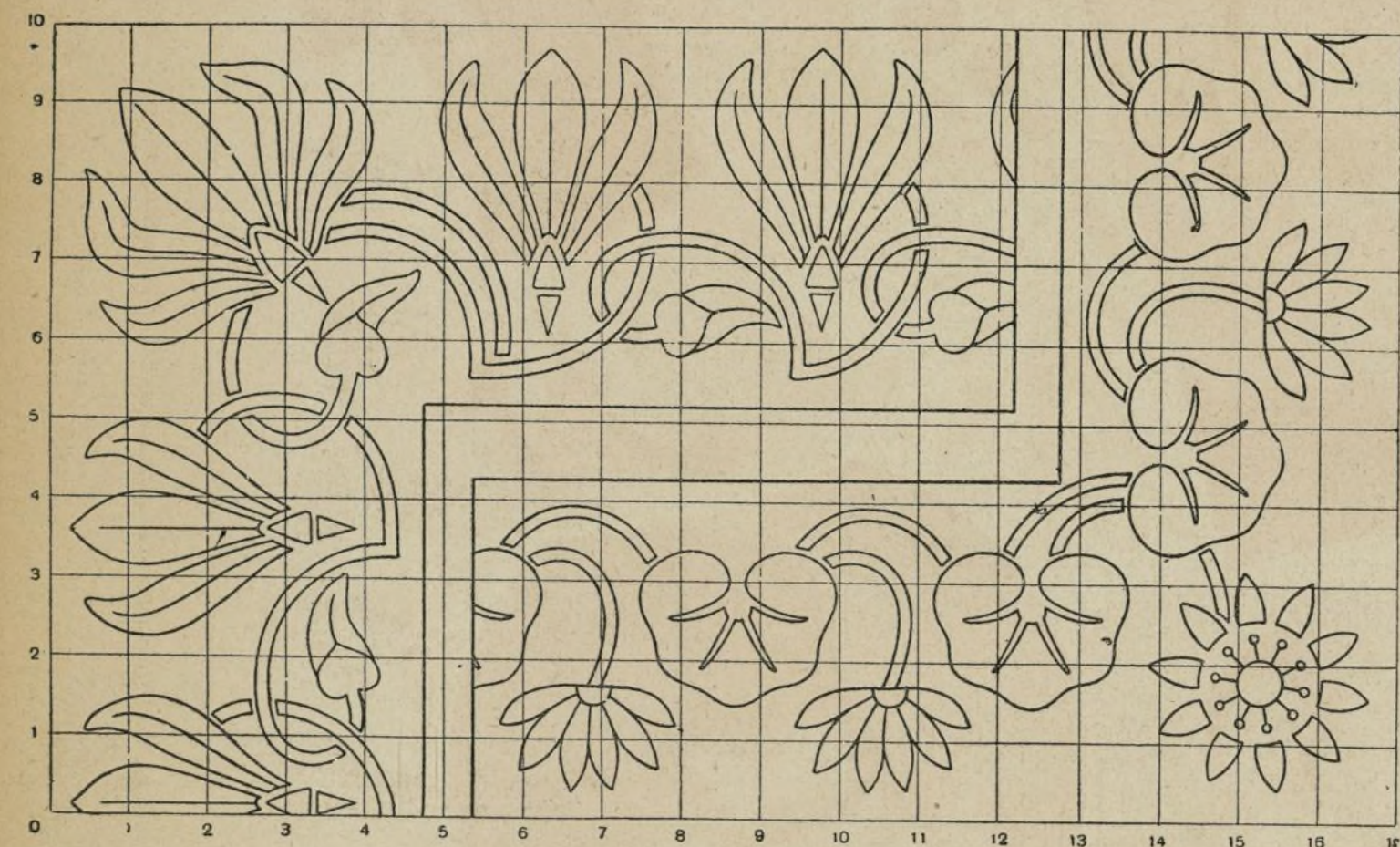
posição alegre e que mãos hábeis se entregarão a executar com prazer.

A almofada em *Richelieu*, bordado inglês e *filet*, é dum conjunto variado e lindo. É uma linda almofada prática e de efeito.

Vários monogramas curiosos completam a nossa folha de bordados que muito agradarão às leitoras.

Vão em tamanho suficiente para com facilidade serem utilizados. A *Voga* não se pouca a esforços para facilitar às suas leitoras a utilização prática de todos os recursos modernos — pois o fim do nosso jornal é tornar-se essencialmente prático.

BERENICE.



e uma exuberância fantásticas. Bordam-se aldrabques e recôvos com fios a ouro, mas ouro verdadeiro, lindo e reluzente.

Na antiguidade os Assírios, por exemplo, bordavam com fios de prata e ouro os próprios cabelos e não eram as mulheres quem principalmente o usava: eram os homens cujas barbas opulentas e frizadas tomavam assim um aspecto monumental.

Nós aproveitamos os bordados para nos enfeitar o lar, para o tornar acolhedor e agradável.

É certa de que irei ao encontro do desejo das leitoras, vou tratar dos bordados matizados, que são a última palavra da moda, caprichosa, mas linda e interessante.

Os cantos que apresenta a nossa gravura, feitos em três tons, podem-se empregar na decoração duma toalha de chá, pequenos quadrados de linho que mãos femininas tanto gostam de fazer e que lhe dão toda a arte possível. Há toalhas de chá que são verdadeiros «bijoux». Em guardanapos e «napperons» também são dum lindo efeito.

Para harmonizar bem as flores dum trabalho era bom evitar as cores naturais. A folhagem pode deixar de ser verde, e as flores vermelhas, cor de rosa ou azuis.

Estas cores, depois de executadas, dão em geral mau conjunto, tornam-se duras e demasiado vivas, o que torna o bordado pouco leve de aspecto.

Pode-se escolher uma cor escura para os pés das flores; quem desejar verde deve escolher um verde bastante escuro, uma cor bonita para as flores e um tom um pouco mais escuro para o remate das pétalas.

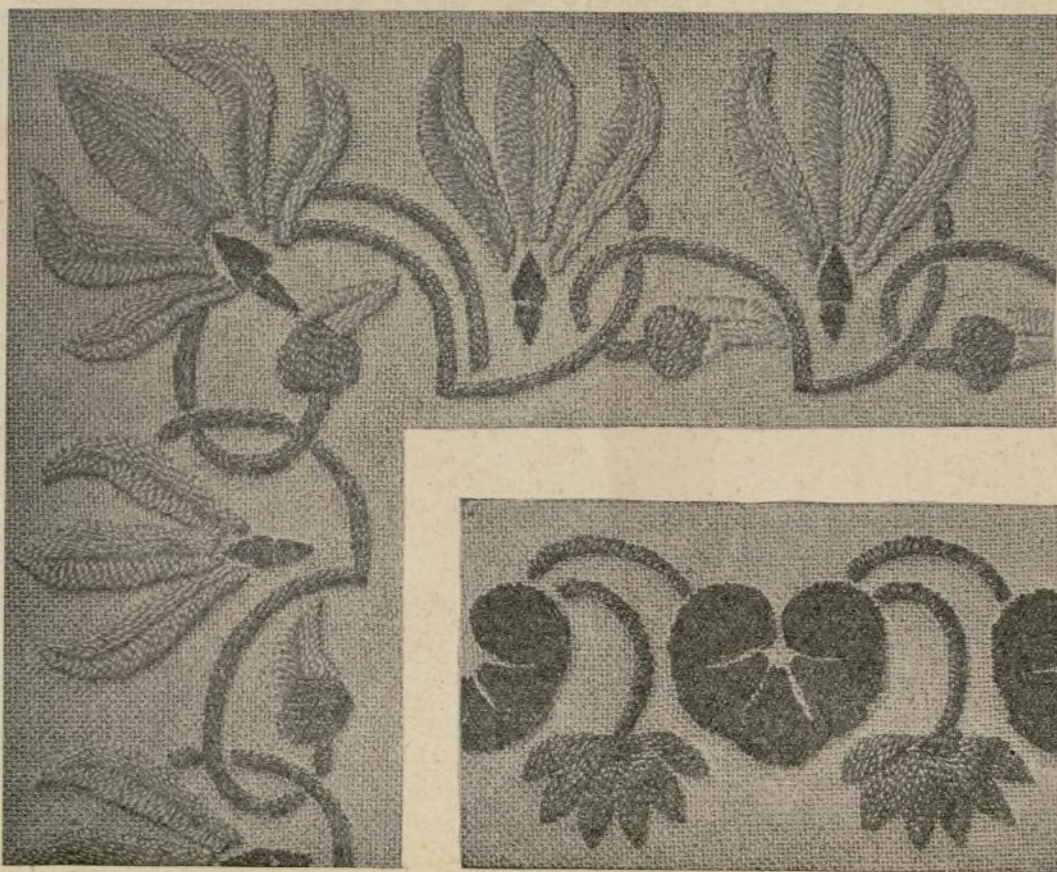
Feitos em *perlé* e em ponto simples, que pode ser como o que mostra a gravura, ou ponto de cadeia muito unido, enchendo por completo as pétalas das flores; ou então em ponto de pé de haste; é muito ligeiro e lindo.

Isto fica à vontade das leitoras, mas o mais rápido e que melhor efeito produz, é o que mostra a gravura, que é ponto cheio.

renda marcada com o número 1 cerra-se a linha, volta da roseta pequena e assim sucessivamente.

Depois da renda toda feita é que se faz a orla. Passa-se um cordão segurando toda a parte de

zação juntamos à nossa página, crentes de que elas vão ajudar as nossas leitoras nos seus trabalhos e criações artísticas.



GRAFOLOGIA

N.º 205 — *Princesinha Louira* — Porto — Energia aparente, a que não é também estranha uma certa vaidade inconsciente, vendo a vida sempre um pouco do alto da sua torre de marfim. Bondade e descrição.

N.º 206 — *Violeta Branca* — Porto — Afectividade, energia e actividade. Imaginação, impenetrabilidade e firmeza de decisões e opinião.

N.º 207 — *Rosa Branca* — Porto — Nervosismo e sensibilidade. Precipitação e mobilidade de tendências. Bondade natural e generosidade.

N.º 208 — *Lito* — Um grafismo de difícil análise. Atestando uma complexidade extraordinária de sentimentos e faculdades, onde parece



TILAI

Estudio de Dança, Ritmica, Plastica, Mimica

As 4.ªs e 6.ªs feiras, das 10 às 12 horas e das 15 às 17 horas

Rua Marquês da Fronteira, 82
CAMPOLIDE

predominar a lógica e a dissimulação. Actividade, boas qualidades de trabalho e um espírito astante observador.

N.º 209 — *Mira* — Exaltação, entusiasmo e imaginação desregrada. Sensibilidade excitada ocasionalmente por acessos de egoísmo.

N.º 210 — *Pitonise* — Loquaz, com a compreensão justa do valor das suas faculdades e aptes físicos. Inteligência e actividade mental. Imaginação romântica e sentimental, amando das as manifestações da arte e das letras.

N.º 211 — *Flor de Liz* — Equilíbrio de faculdades, frieza exterior mascarando um coração

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Beimpostinha, 40, 1.º

apaixonado e extremamente sensível. Sequência de ideias e também uma certa infantilidade de atitudes.

N.º 212 — *Azougue* — Porto — Impressionabilidade frequentes vezes impulsiva. Uma vontade forte mas maleável sempre que a sua vaidade um pouco dissimulada, é posta em evidência. Irritação fácil, a pesar da extraordinária e permanente boa disposição.

N.º 213 — *Myrtho* — Faial — Superioridade relativa e desconhecimento de si própria. Sentimentalismo exaltado e mórbido. Afectividade bondosa mas desconfiada.

N.º 214 — *Violeta* — Beira — Discreção, brandura e calma natural. Espírito lúcido e... um pouco de vaidade.

N.º 215 — *Papoila do campo* — Orgulho e... uma certa teatralidade de espírito que aparentemente poderia ser tomada por sentimentalismo, mas que se revela, principalmente, na

manifestação das suas atitudes um pouco estudadadas. Não é então sincera? Às vezes...

N.º 216 — *Galvota* — Santarém — Cultura de espírito. Actividade enérgica e firme. Inflexibilidade a que não é alheio também um certo espírito de rotina. Desejo de aprovação e paixão.

N.º 217 — *Menina dos Rouxinois* — Impressionabilidade talvez indecisa e hesitante. Uma certa falta de confiança nas suas próprias decisões, parecendo desconhecer-se mais frequentemente do que pensa. Espírito romântico e susceptível.

N.º 218 — *G. A. C. M.* — Reacção contra um estado depressivo sem explicação próxima. Mobilidade de impressões, temperamento facilmente irritável e impressionável.

N.º 219 — *Perpétua Saudade* — É de todas as manas, aquela que sente mais dolorosamente as ingratidões e as injúrias da sorte, por vezes ingrata. Não obstante, os seus traços indicam também que é a mais alegre no convívio e sociabilidade.

N.º 220 — *Pérola Branca* — Clareza, ordem de ideias e amabilidade. Firmeza e severidade, sabendo não esquecer um favor mas também não ignorar nunca uma injúria.

BANANIA

A MAIS PREFERIDA DE TODAS AS FARINHAS NUTRITIVAS

Latas de 250 gr. — Esc. 12\$00

Agência e revenda:

RUA DA PRATA, 71, 1.º

SALAO PARADIS

CHAPEUS DE SENHORA

Direcção técnica de

MARIA AMELIA FERREIRA DA SILVA

EX-PRÉMIERE DO MIMOSO

Criações próprias — Trabalho perfeito pelo sistema francês — Copias de modelos parisienses em todos os estilos — Arte, Souplesse, Elegância — ESPECIALIDADE: Chapéus de luto, soirée e scena

Rua da Gloria, 95, 2.º — LISBOA

Telefone: Norte 5898



Outra razão porque o aparelho «LUX» tem tantas entusiastas entre as senhoras portuguesas:

A QUALIDADE DE MANEJO!

ELECTRO LUX, L.^{DA}

Praça dos Restauradores, 72 Avenida dos Aliados, 54

Telefone: Norte 4157

Telefone 2032

LISBOA

PORTO

Tôdas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de uma escudo e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

FOTO-
GRAVADORES
BERTRAND
IRMÃOS, L.^{DA}
T. DA CONDESSA DO RIO 27
TEL. T. 96



Dá às crianças uma saúde de ferro
É o alimento energético por excelência para
novos e velhos

À venda nas farmácias, drogarias, confeitarias,
mercearias e leitarias

Representantes exclusivos:

MANTUA, L.^{DA}

29, Calçada S. Francisco, 37 — LISBOA

ELAS sentadas ambas diante de mim, a esposa e a amante. Decididamente, já escolhi: Sou contra esta, e por aquela. É adiante! não gosto de alianças platónicas.

— Realmente, também passa aqui o inverno, minha senhora? Deve sentir-se terrivelmente só!

Os seus olhos escuros examinaram-me dois segundos. Logo percebeu que tinha um aliado.

— É verdade, só. Tanto mais que no inverno, o Bósforo é sinistro. Ninguém dirá, não é assim? ao vê-lo agora todo azul e ouro. Mas quando sopra o vento do Mar Negro, caem sobre nós verdadeiras tempestades de granizo e neve, e não imagina como estas velhas casas turcas gemem e tremem, batidas pelo vendaval. É verdade. Mas não me importa. Até me não desagradam essas noites de inverno, negras de névens baixas, branqueadas de flocos e zebra-das de relâmpagos...

A outra encolheu os ombros fugidios:

— Não exagere, Mary. A casa não treme assim. E se a senhora não tivesse a estranha mania de dormir no pavilhão à beira da água...

Eu fixo lady Falkland, que sorri:

— Tenho de facto essa estranha mania, senhor. Fiz daquele pequeno pavilhão o meu quarto, porque me distrai ouvir à noite o Bósforo correr por baixo da minha janela, e escutar todos os murmúrios da água, o sibilo das lontras que passam, a cadência dos remos distantes, e às vezes, contra a grade do jardim o ruído dos ganchos de ferro com que se alam, ao longo dos cais, os grandes caiques-bazares...

Melhor que quarto à parte: casa à parte. É significativo... Seja como for, julgo que também eu havia de apreciar essas noites, suspenso sobre a água. Acode-me uma ideia, que já várias vezes me acudira:

— Não é inglesa?

— Eu! nada que se pareça. Sou... tudo o que quiser: espanhola, francesa, crioula: nasci na Havana.

— Eu já suspeitava que os seus olhos, o seu cabelo... Mas, chama-se Mary...

— Marie! Maria... Maria de Grandmorne. Como vê, não é inglês!... Mas sir Archibald não sabia pronunciar Maria, à espanhola, ou Marie, como eu prefiro...

A escocesa, que se sente excluída da conversação, faz um esforço:

— Toma chá, não é verdade, senhor?

— Não... miss Edith.

(Eu disse «miss», por acinte. É de uma impertinência doida: ela é filha de *earl*, portanto, lady. Lady Edith, é como se lhe deve chamar. Não o ignoro, vivi quinze meses em Londres. Mas ela não é obrigada a conhecer a minha biografia. E se a conhece, melhor!...)

Eu volto-me para lady Falkland.

— Gosto muito de chá, mas só chá da China ou da Pérsia, os três goles de água perfumada que se bebem sem açúcar, sem creme, sem cake e sem brinde... E quanto à merenda anglosaxónica de *five-o'clock*, é coisa a que nunca me pude habituar. Sou um bebé velho de mais para comer gulodices entre as refeições.

Lady Edith franziu os finos lábios. Lady Falkland riu.

— Oh! o senhor encontra chá persa em todos os cafés de Stambul. É delicioso. Entretanto, quero que prove alguma coisa turca: uma «don-durma». Não receie, não é exageradamente nutritivo...

— Mary, a senhora não está boa! quere apresentar ao coronel essa mixórdia de vendedor ambulante?

Intervi com energia:

— O *helvadji*, senhora? que bela ideia! Imagine que eu adoro todas essas pequenas coisas açucaradas que as crianças tasquinham...

Ela toca a campainha. Entra uma criada de quarto grega, escuta a ordem da patrão, e sai, não sem um olhar interrogador para lady Edith. Ah, é isso? É preciso que lady Edith ratifique?

A «don-durma» não vem logo. É o «*helvadji*» faz-me pensar nas Águas Dóces.

— Senhora, se eu lhe pedisse muito, quiereria ter a bondade de mandar chamar o lindo menino que tanto admirei, outro dia, no seu café?

Ela mostra-se radiante:

— Realmente, dar-lhe há prazer? Oh! com muito gosto... Queira esperar.

Safu logo, lesta como uma arvoreola. Estranha mulher! Há momentos em que eu lhe não daria mais de vinte anos; quando ri, quando corre, ressaltava-lhe então de todos os gestos a juventude e transfigurava-a. Mas, um segundo depois, o pesado sêlo da melancolia cai outra vez sobre ela e esmaga-a; e logo aparece triste, cansada, velha... Trinta anos? mais? já se não sabe. Ei-la que entra, trazendo o filho adiante de si. Solemne, com maneiras de fidalgo precoce, o

O HOMEM QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA.

(Continuação)

pequeno estende para mim a mãozinha. É bonito. Tem da mãe o cabelo castanho em anéis, a tez mate e a boca grossa. Mas os olhos cinzentos, já fixos e frios, reflectem a Escócia, os seus lagos, as suas brumas. É um Falkland, este bebé. É receio que mais tarde faça também chorar aqueles tristes olhos, que o olham com tanta ternura, com tanta adoração...

A don-durma é uma espécie de gelado, cuja polpa folhada estala debaixo da língua. É muito bom, e não sou eu só que tenho esta opinião: o garoto, logo familiarizado, aceita sem cerimónia metade do meu pires. Lady Falkland ri, e lady Edith mais uma vez friza os lábios, pouco satisfeita. Entende que se não devem estragar as crianças com mimos.

...Há muito tempo que aqui estou, e o dia vai a declinar.

— Já se retira? O senhor sabe que no campo são de rigor longas visitas.

— Sir Archibald vem muitas vezes cedo para casa... Sentirá deveras não o encontrar.

É a escocesa que assim fala. Eu dou-lhe logo a devida réplica:

— Queira dizer-lhe, minha senhora, que eu também vou com muita pena, e que a encarreguei, pessoalmente, de lhe apresentar mil cumprimentos.

Se tu não compreendes, minha filha, é porque és estúpida. Agora, à outra:

— Senhora, estou infinitamente penhorado pelo seu gracioso acolhimento, e afirmo-lhe que é com máguia que me apresso a partir. Mas Stambul é longe, e o meu caique é só de duas ordens de remos.

— Volta para Stambul?

— Para Pera, apenas. O protocolo condena-me a residir ali. Mas digo Stambul por eufemismo: Pera é tão caricatural!

— Oh! como nós estamos de acordo sobre isso. Gosta de Stambul, certamente?

— Parece-me que hei-de gostar. Não a conheço ainda. Imagine como terei andado ocupado desde que cheguei a Constantinopla.

— Sim. Mas agora, que já está aclimatado, não se demore em transpôr a ponte. É tão bela, Stambul!

Desta vez, vou-me embora. Lady Edith, digna, fica na sala. Lady Falkland acompanha-me através do jardim. O meu caique aproxima-se da escada. Fito de repente lady Falkland:

— Senhora, costume ser censurado pela minha franqueza. Não lhe desagrada? Nesse caso atrevo-me: Parece-me que está de sentinela à vista. Será absolutamente impossível conversarmos uma hora, sós?

Ela ouve-me, um tanto admirada, não descontente. Nos seus olhos castanhos há indecisão, mas também confiança. Insisto.

— Sim, uma hora de palestra sem testemunhas. Gostaria tanto de interrogá-la sobre esta Turquia que ambos nós amamos...

Ela toma uma resolução enérgica:

— Não é muito fácil; em todo o caso... Quando tenciono ir passear a Stambul pela primeira vez?

— Não sei; segunda-feira.

— Segunda-feira? Sim, é possível. Quer que lhe sirva de cicerone?

— Se quero!...

— Então, até segunda-feira. Onde? Ah, não conhece a cidade. O senhor transpõe a ponte e toma a primeira rua à direita. Espere-me aí... pelas duas horas.

— Obrigado!

Apoio este «obrigado» com a minha boca sobre a sua mão. E penso, um pouco triste, que outrora, há vinte anos, uma mulher nova se não confiaria a mim tão facilmente, sem segunda intenção...

XIV

Sábado, 17 de Setembro

Há pouco, passeava eu ao longo do Bósforo, no cais de Terápia, mesmo à beira de água. O cais de Terápia, o mais deploravelmente selecto

ONDE CONSEGUIRÁ V. EX.^a VESTIR-SE COM ELEGANCIA E ECONOMIA?

■ ■ ■

Na época actual, em que se procura aliar à elegância e bom gosto das toilettes uma economia indispensável, torna-se um verdadeiro problema descobrir a casa que possua estas duas qualidades. Entre as casas de modas, aquela que mais se tem imposto pelas suas toilettes primorosas em elegância, dum acabamento inexcédível e satisfazendo em preço aos mais exigentes é a

CASA AFRICANA

RUA AUGUSTA, 161

que apresenta no texto desta revista um encantador modelo robe de charmelaine de seda marine, com fundação de crêpe georgete gris e com petalas de feltro, guarnecido a peles petit gris.

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua.

Pedidos a AILLAUD, L.^{da} 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PARA DESENVOLVER OS SEIOS

pequenos use FILOCOL n.º 1. Para o endurecimento dos SEIOS moles e caídos, use o FILOCOL n.º 2. Para diminuir os SEIOS GRANDES use FILOCOL n.º 3. Preço do n.º 1 ou do n.º 2, 25\$00 esc.; pelo correio, oculto, 26\$00. Preço do n.º 3, 40\$00 esc.; pelo correio, 42\$00. Experimente se quer possuir um PEITO BELO E ATRAENTE.

AS PESSOAS NUTRIDAS

devem tomar HOSTIAS D'ORCEL para emagrecer lenta e progressivamente. Combatem a obesidade. Aconselhadas pelos médicos. Caixa 25\$00 esc., pelo correio 26\$00.

Estes produtos, não prejudicando nada o organismo, teem feito a felicidade de muitas meninas e senhoras.

LABORATÓRIO ORCEL

Rua Barata Salgueiro, 31, 3.^o LISBOA

e FARMACIA LUSO-BRITANICA FUNCHAL

dos arredores, agrada-me todavia por causa de um redemoinho de corrente que aí se quebra, levantando verdadeiras vagas, encapeladas e espumantes — as únicas vagas de todo o Bósforo. De mais a mais, quem for rente à água, como eu vou, não é forçado e ver as «vilas» marginais, nem a criadagem junto às portas, nem o luxo das carruagens: basta-lhe voltar a cabeça. Ora estava eu a contemplar a ondulação das águas, quando de súbito oiço atrás de mim a frase horripilante:

— Bons dias, senhor marquês.

«Senhor marquês». É inevitável: os habitantes de Pera querem à força passar por criados meus. Eram as meninas Kolouri, Caliope e Cristina, sôzinhas, que andavam mostrando os seus vestidos *tailleur*, um pouco ridículos. E logo me inundaram com a sua tagarelíce.

— Não há quem o veja!

— Sim, nunca aparece em Jenikeny.

— É porque, decerto, se diverte mais noutro sítio...

— É verdade que o senhor arranhou casa em Beicos, «entre os Turcos»?

— Viram-no há dias em Canlidja, sabe?

— Em casa da bela madame de Falkland.

— Há pessoas que afirmam que o senhor a trata... (sic).

— Não, Caliope. O marquês ia visitar sir Archibald.

— Os senhores são amigos, não é verdade?

— Eu estou convencida de que chego a apaixonar-me por sir Archibald. É um homem tão inteligente! Caio pequena diante dele... (re-sic)

— Inteligente, minteligente, (1) não gosto dele. Acho o príncipe Cernuwiez muito mais sedutor.

— Oh, esse há de sempre fazer baralha. Que manigância ele nessa casa?

— Cristina, isso não importa ao marquês. Di-

AS MEIAS de LINHO

PRINTemps

ção de qualidade

— GARANTIDA —

Venda exclusiva

AU PRINTemps. R. Ivens 56-LISBOA

ga, senhor marquês, vai esta noite ao Summer? Talvez seja o último baile.

— Faremos flirt com o senhor marquês, não falte...

E mais isto e mais aquilo. Safei-me como pude.

(1) Em turco, exprime-se a negação pela sílaba *me*, amar, *seme-mek*. Desta origem procedem as fórmulas de que abusam as Kolouri e seus compatriotas: «inteligente minteligente...» (inteligente ou não).

(Continúa).

CABELEIREIRO DE SENHORAS

R. Garrett, 74, 2.^o Esq.

Telefone Central 299

TRABALHO GARANTIDO

Corte de cabelo 3\$00

Lavagem de cabeça e secagem electrica 3\$00

Ondulação 6\$00

Manucure 4\$00

Tratamento e CURA dos CALOS pelos RAIOS VIOLETAS

CARTA DE PARIS

Paris, Dezembro.

Minha querida sobrinha

Aproxima-se o Natal e já o cuidado das ofertas a fazer nos preocupa. Por toda a parte a azáfama do fim do ano. E, principalmente, nos nossos grandes «magazins» onde a multidão é densa e o borborinho intenso, as luzes scintilantes. Um vai-vem contínuo, conversas em segredo, uma correria desenfreada.



Um empurrão ininterrupto, uma atmosfera abafada, um barulho contínuo, um quadro luminoso, esplêndido, confortável e arejado.

Mulheres, homens e crianças, franceses e estrangeiros, todos os países estão representados, todas as raças presentes ouvem todas as línguas.

Perguntai à Parisiense elegante e à estrangeira «chic» o que as atrai particularmente na nossa grande cidade e ficareis informadas.

Em todo o caso, os passeios que se fazem nos grandes estabelecimentos são recreativos.

Que se há de escolher de tão belas novidades que há lá? Se tu visses as «trouvailles», todas estas criações que nos admiram e nos encantam!

Depois de ter dado uma volta detive-me demoradamente nos vestidos de «sport».

Tendo a intenção de ir depois do Natal fazer uma pequena estada na montanha, eu vi desde já o que me era preciso. É todo um abastecimento que é preciso escolher com medida e conhecimento. Deve-se comprar vestidos quen-



tes e que não sejam desprovidos de elegância. Pensei primeiramente nos vestidos e escolhi alguns flexíveis, brandos e quentes. A pele de «chameaux» é reputada por todas as suas vantagens e eu aproveitei-me delas.

REVEILLONS. — Na noite de 24 realiza-se no Grande Hotel de Itália, do Monte Estoril, o tradicional «reveillon» da noite de Natal, o qual decerto revestirá grande brilhantismo, tendo a actual direcção do referido hotel, hoje o preferido pela nossa primeira sociedade para os seus «rendez-vous» cotidianos, preparado várias surpresas, que obterão extraordinário êxito.

Durante o «reveillon» far-se-há ouvir uma esplêndida orquestra «jazz-band», composta de distintos artistas, que executarão um variado programa de danças modernas.

No escritório do Grande Hotel de Itália continua aberta a inscrição de mesas para essa encantadora festa, que marcará mais uma página a letras de ouro nos anais mundanos.

O mesmo sucederá na noite de 31, fim do ano, onde de novo se efectuará outro «reveillon».

CASAMENTOS. — Realizou-se na quinta-feira passada, na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, como havíamos noticiado, com grande brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Helena Pedroso Calleja, gentil filha da sr.^a D. Alice Pedroso Olímpio e enteada do distinto advogado sr. dr. Claudio Olímpio, com o brilhante catedrático da Universidade de Madrid, sr. D. Julio Martinez Palacios, filho da sr.^a D. Euzébia de Lostalé Martinez Palacios e do sr. D. Miguel Palacios.

Serviram de madrinhas Madame Simonena e a mãe da noiva, e de padrinhos o ilustre catedrático da Universidade de Medicina em Madrid sr. dr. D. António Simonena e o padastro da noiva.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido na elegante residência da mãe e do padastro da noiva um finíssimo lunche, seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel, partindo depois para Madrid, onde vão fixar residência.

— Na paroquial igreja de Santa Isabel realizou-se, no dia 12 do corrente, o casamento da sr.^a D. Maria do Resgate Mousinho de Figueiredo, interessante filha da sr.^a D. Miquelina Augusta Mousinho de Figueiredo e do sr. dr. Albino de Abranches Freire de Figueiredo, com o sr. dr. Albino Cabral Saldanha, filho da sr.^a D. Maria do Patrocínio do Amaral Saldanha e do sr. dr. Albino Cabral Saldanha, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos. Findo o acto religioso foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lunche da «Garrett», partindo os noivos para o Ontão, em Setúbal, onde foram passar a lua de mel.

— Foi pedida em casamento pelas sr.^{as} D. Julia Nunes Alegre Maldonado, esposa do sr. Agnelo Asdrubal de Moura Maldonado, e D. Maria Wischmann, para seu filho e sobrinho

João, a sr.^a D. Maria das Dores Trindade Elias, gentil filha do sr. Domingos Trindade Elias, já falecido. O casamento deverá realizar-se por todo o próximo ano.

— Acaba de se ajustar oficialmente o casa-



A sr.^a D. Eliza Vitória Martins da Costa Leão e o sr. Mariano João Arus Franco, por ocasião do seu casamento, realizado em São Sebastião da Pedreira, no dia de Nossa Senhora da Conceição

mento da sr.^a D. Maria Luísa Henriques de Lancastre, segunda filha dos sr.s Condes de Alcáçovas, com o sr. Pedro Paulo José de Melo (Santar), filho da sr.^a D. Maria Quitéria Gil de Borja de Macedo e Menezes de Melo e do sr. António Vasco José de Melo (Santar), devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— No dia 12 do corrente realizou-se em Vila Alva, perto de Cuba, o casamento da sr.^a D. Elvira Rosa Calado, gentil filha da sr.^a D. Eufrazia Ludovina Gomes Calado e do sr. Manuel António Gomes, com o sr. Romão Godinho, filho da sr.^a D. Ana da Conceição Godinho e do

sr. Augusto Godinho, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

— Pelo sr. José Augusto Ferreira Sopas, foi pedida em casamento para irmão Joaquim, a sr.^a D. Maria da Guia Ramalho, interessante filha da sr.^a D. Maria José Ramalho e do sr. Francisco Roque Ramalho, socio gerente do Palace Hotel de Vidago, devendo o acto realizar-se na próxima primavera.

FESTAS ELEGANTES. — No dia 8 do corrente, a pesar da invernada, realizou-se em Faro o tradicional baile solene, a festa mais requintadamente artística do ano na provincia do Algarve. As senhoras apresentaram-se com os vestidos elegantíssimos no esplêndido Salão do Club Farense. Uma profusão de casacos e fardas enchia o enorme salão.

Este ano, comemorando o 64.º aniversário da fundação do Club, realizou-se uma sessão solene de homenagem ao sr. João Coelho Pereira de Matos, único sócio fundador sobrevivente.

O sr. dr. José Monteiro Simões fez um discurso em nome da direcção, elogiando o homenageado, e, em seguida, foi descoberto um quadro com o seu retrato.

Depois a sr.^a D. Amância Larcher de Sousa, vestida à época de 1863, época da fundação do Club Farense, recitou, acompanhada ao piano, como era costume naquela época, e dançou um minuetto, que foi muito aplaudido.

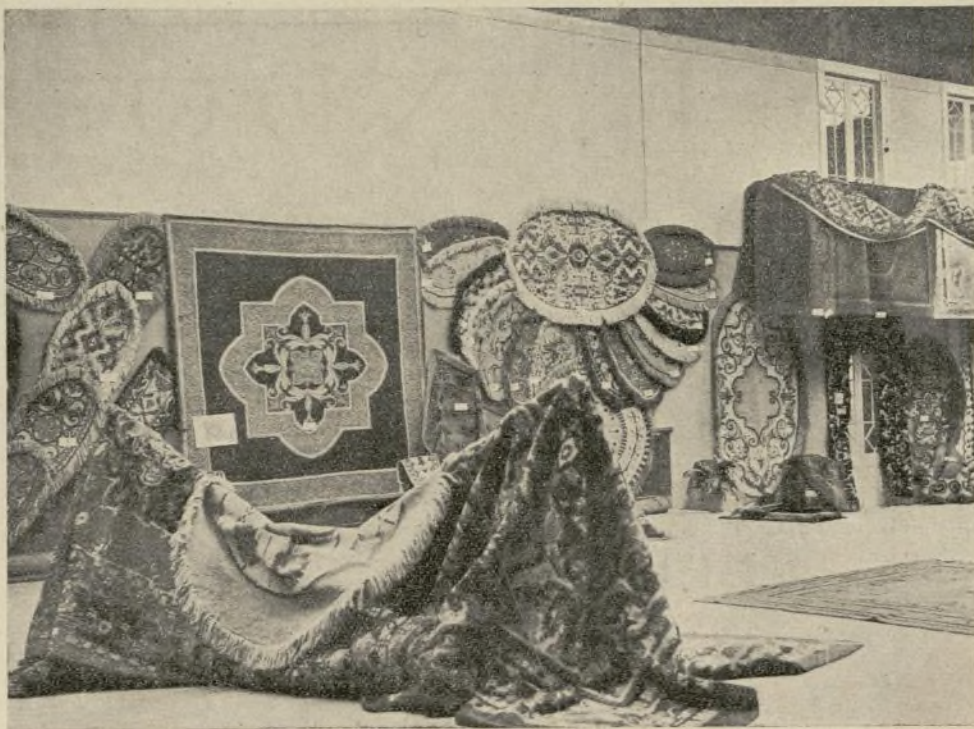
Seguiu-se a apresentação dos irmãos Duarte de Almeida, duas esplêndidas vozes de soprano lírico e barítono.

A sr.^a D. Elia Duarte de Almeida, acompanhada pela sr.^a D. Maria Amália Duarte de Almeida, executou a cavatina «Una voce poco fá», da conhecida ópera Barbeiro de Sevilha, seguindo-se a cavatina «Largo al factotum», da mesma ópera, por Edgard Duarte de Almeida, e por último, o dueto do 2.º acto, também do Barbeiro de Sevilha, pelos irmãos Elia e Edgard.

A festa seguiu-se um elegante baile, que durou até de madrugada.

NASCIMENTOS. — A sr.^a D. Maria Luísa Vieira, esposa do distinto clínico sr. dr. Gonçalo Vieira, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

TAPETES DE BEIRIS



Constituiu um dos grandes êxitos deste fim de ano a exposição de tapetes de Beiris há dias inaugurada, pelo sr. Carlos R. de Miranda, no Palácio das Belas Artes. Retinamente nossa, empregando operárias, material e padrões portugueses, esta indústria bem merece o carinho das nossas leitoras, se elas desejando decorar o interior das suas casas lhes querem dar uma nota adorável de conforto e graciosidade.

Os tapetes da exposição e dos quais é suficiente abonação o modelo que acima reproduzimos, serão depois expostos permanentemente em magníficas instalações, na Rua Ivens, 30, 32, 1.º

Foi, pois, a escolha dos vestidos que tomou o meu tempo, porque vê-se coisas tão lindas que a decisão é difícil.

Eu comprei na casa Brialix um encantador vestido. Sobre uma saia plissada em «crêpe» da China um «jumper» em nervuras.

A saia é duma tonalidade escura enquanto o cinto é dum azul mais claro.

Para «glissar» um traje branco é de rigor. A

calça, que se apercebe, é coberta duma pequena saia em pano. Prêgas fundas dão amplitude. Sobre a «blouse», com botões de aço, um pequeno casaco de «moleton» bordado, resguarda-nos ainda do frio nos climas cheios de neve.

Eis já o começo do inverno. E esta semana encomendarei os vestidos de noite e pôr-te-hei ao corrente do que houver.

Tua tia, muito amiga

NUELMA.



“VOGA” semanário ilustrado da mulher PUBLICARÁ A 2.º DO CORRENTE um magnífico numero comemorativo **NATAL** PRIMOROSAS ILUSTRAÇÕES E ESCOLHIDA COLABORAÇÃO

Leiam todos também o magnífico numero de Natal do **MAGAZINE BERTRAND**

TATÁ
CHAPELIER EN VOGUE

632
CENTRAL
TELEPHONE



FALANDO COM JOSEPHINE BAKER

Não a vira desde o seu primeiro triunfo no Folie-Bergère, nas suas danças frenéticas, febris, de sol, de guerra e de amor. Tenho-a diante de mim, direita, sombria como um cipreste que pintasse furiosamente a boca. A mulata que tem a seus pés, em adoração, a capital do mundo, está no estúdio cinematográfico onde debuta para o écran num argumento para ela composto pelo célebre Maurício Dekoba e que se chamará «A Sereia dos Trópicos». O seu sotaque rompe o silêncio:

—Um «interview»?... Oh! *C'est terrible!*

Junto dela um rapaz delgado, muito elegante, com bigodinho, parecido com Adolphe Menjou, murmura:

—Minha querida... não é nada terrível. Basta ouvir as perguntas e responder...

É o esposo da estrela negra que fala na sua delicada humildade. A esposa escura abre o seu sorriso em leque e continua em silêncio, rebolando os grandes olhos negros. O nosso Menjou de contrabando continua:

—Deitou-se às cinco da manhã e levantou-se às nove... Não dorme o suficiente...

—No!... *Very* suficiente!... Nunca estou fatigada. Durmo bem.

—Gosta da América?... — pergunto. Sei que nasceu em St. Louis...

—Oh!... América faz frio!... Gosto mais de Paris... com-

prei agora dois palacetes... e cães... muitos cães... Gosto muito de calor... e cães peludos... muitos cães...

—Muitos cães... — afirmou o marido pegando num minúsculo monstrosinho que tremia de frio em cima das patinhas quebradiças.

—Gosta do cinema? Continuará a fazer cinema?

—Oh!... O cinema é um verdadeiro «*enchanteress*»... Este filme é «*very*» interessante «*for me*»... Se tiver êxito, continuo...

—O que prefere no cinema como espectadora?

—Oh! Tudo... tudo...

—Ela gosta de Mary Pickford... de Lilian Gish... — aventurou o anónimo esposo.

—Oh! no! — desmente a Baker a rir... Não conheço ninguém... só gosto de ver caras... muitas caras bonitas e cavalinhos que parecem de carne e osso... e parece tudo verdade!... *Very pretty!*

Um apito estridente ressoa no estúdio e uma voz grita, vibrante:

—Miss Baker!...

Mas a negra que apaixonou Paris, acrescenta ainda antes de desaparecer para logo mergulhar no oceano de luz dos projectores:

—*Excuse*... não posso demorar mas quero dizer que gosto da França, do jazz, do music-hall, gosto de dançar, do cinema... e de mais nada...

E depois de olhar o marido, que tinha o cãozinho ao colo, gritou numa gargalhada selvática:

—Ah! gosto também... do cãozinho!

E desapareceu de vez a cantar guturalmente uma música bárbara.

O correcto *gentleman* ficara com o cãozinho ao colo. Já não consegui encontrar-lhe o olhar. Olhava o solo, pouco à vontade, asobiando levemente o «*Yes sir that's my baby*»...

Para a filmagem de «O gaúcho», a última produção de Douglas, o seu representante, capitão Kenneth Dix, fez a compra de seiscentas cabeças de gado mexicano que embarcou em 25 vagões directamente para a Califórnia, onde figuraram apenas numa scena da célebre película que, apesar de grandiosa, foi filmada em noventa dias.

Pelo visto na América trabalha-se com vontade, com alma e com a respectiva economia.

Ricardo Cortez foi chauffeur de taxi, Glória Swanson foi caixa de rendas e bordados e Reginald Demy corista de opereta provinciana.

